Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Marcus Eduardo Jesus Novo

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado

Campinas/SP

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Lilian Zanvettor Ferreira

Instituição: Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado (ETECAP)

Entrevistado: Marcus Eduardo Jesus Novo

Elaboração do roteiro da pesquisa: Lilian Zanvettor Ferreira

Local da entrevista: Centro de Memória da ETECAP

Data: 19 de agosto de 2025

Duração da filmagem: 50 minutos e 21 segundos

Número de vídeos da filmagem: um

Transcritora: Lilian Zanvettor Ferreira com o apoio do site https://turboscribe.ai.

Número de páginas da transcrição: 18

Sinopse da entrevista

Entrevista de história oral temática realizada pela professora Lilian Zanvettor Ferreira, curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado, Campinas, São Paulo, com o colaborador, professor Marcus Eduardo Jesus Novo, no Centro de Memória da unidade escolar, tem a finalidade de compor o projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto pela Maria Lucia Mendes Carvalho, coordenadora de Projetos, na CGETEC/SDMEPP, para o GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 27 de agosto a 3 de setembro de 2025

Transcritora: Lilian Zanvettor Ferreira

Lilian Zanvettor Ferreira (LZF): Professor Marcus, muito obrigada pela sua gentileza de conceder a entrevista para a gente, para o Centro de Memória da ETECAP. Conta para a gente como você conheceu a ETECAP e como foi a sua história.

Marcus Eduardo Jesus Novo (MEJN): Olha, eu conheci a ETECAP sem querer. Na verdade, foi isso daí. Na época, meu pai tinha uma indústria e eu trabalhava, tinha de ir à indústria, não sei o que, trabalhar. Aí eu falei: -se isso eu estudasse de manhã, eu ia na fábrica tarde. Se isso estudasse à noite, eu tinha de ir à fábrica o dia inteiro. Um dia na cidade, por causa desse trabalho na escola, que eu brinco com os alunos tinha o meu primeiro emprego. Assim, foi um emprego muito bom, eu era assessor para assuntos externos, também conhecido como Office Boy. Então eu andava muito pela cidade. Encontrei um amigo do bairro, que é onde eu nasci, cresci e tal, né? E conversando...

LZF: Que bairro que era?

MEJN: Na Vila Industrial. Esse amigo estudava aqui. E aí na conversa, ah, vai lá, lá é legal. Eu me interessei ainda mais que era período de integral. Não, pô, é isso que eu quero. E acabei prestando o vestibulinho, né? Na época, aqui e no COTUCA. E na época, quem prestava nos dois e era aprovado, tinha de, vamos supor, se eu optasse pela ETICAP eu tinha de cancelar o COTUCA. E o COTUCA, a mesma coisa. Aí eu resolvi ficar aqui. Nem sabia direito o que era o negócio de Química, nada disso. Aí no primeiro ano, meu, aqui em 1969, quinta turma da escola, o que aconteceu foi que montamos um projeto junto com uma comunidade religiosa, que tinha um grupo que frequentava na Igreja São Benedito. E com interferência de duas pessoas aqui da escola, duas irmãs que estudavam aqui, e o padre, que era lá da nossa comunidade, resolveu fazer uma espécie, como se fosse um projeto Rondon, que na época era muito famoso. E fomos para a Bahia, só que para ir para a Bahia, no primeiro semestre, a gente teve uma série de preparação. Nós tivemos uma preparação aqui no exército, nós tivemos um negócio do Butantan, por causa de animais peçonhentos. Para organizar esse grupo que ia prestar algum tipo de auxílio para essa comunidade no Polígono

da Seca, que se chamava na época. Uma empresa de transporte aqui, foi feita uma campanha de arrecadação, roupas, até alimentos, medicamentos, que tinha um pessoal médico. E essa empresa fez o transporte até São Paulo. E em São Paulo, o pai de uma dessas duas garotas que estudava aqui, que acompanhou a gente na viagem, ele e a esposa, conseguiram no Serviço Social do governo, a sessão de dois vagões, um de carga e um de passageiro. E aí chegamos lá no Polígono da Seca, fomos divididos, cada um, tal. Só que isso daí nós começamos no meio do primeiro semestre, eu era recém ingressado aqui, e voltamos, já tinha retornado as aulas, nós ficamos 30 dias lá. Só que foram 5 dias para ir e 4 dias para voltar. Aí eu perdi a aula, aquela coisa toda, e na época aqui tinha uma coisa que chamava prova integrada, era uma única prova que avaliava todas as disciplinas. Era uma loucura aquilo, por mais que você tentasse, estudasse, você não ia bem. Não ia bem (risos). De 0 a 10 você tirava 3, nossa, fui bem. Aí, no final desse ano, eu fiquei de segunda época em matemática e no regimento da escola dessa época, na segunda época, você tinha que tirar 5, era a nota. Eu tirei 4 e meio e fui reprovado em todas as disciplinas. Você fazia todas de novo. Não tinha esse negócio de dispensa, aproveitamento, fiz todas de novo. Então, a minha turma aqui da escola, uma parte é 69, que a gente conviveu, e outra parte é o pessoal de 70. E tem uma certa confusão disso aí, porque aqui para a escola, na época, você, na verdade, eu terminei aqui o terceiro ano, em 72. Naquela época, eu não era da turma de 72. Eu ia ser da turma que eu fui aprovado no estágio. Porque se eu fizesse estágio, se você não fosse aprovado no estágio, você não era técnico. Então, isso daí era uma coisa... Então, tem vários das nossas turmas que ficaram pendentes. Então, quando nós quisermos reunir essa turma, ficou difícil. Porque aqui na escola, muitos ficavam reprovados no segundo ano, que abria todas as químicas. No primeiro ano, só tinha química geral. No segundo ano, tinha orgânica, inorgânica, físico-química, analítica... Você estava, não sabia o que era e o que. E no segundo ano, tinha muita gente que estava reprovada. Tanto é que havia aqui, nós tivemos esse encontro, nós fizemos uma enquete assim: - quem nunca foi reprovado? Apareceu uma menina (risos). Menina, hoje, na faixa de 70 anos.

LZF: Quando você entrou, a escola se chamava...

MEJN: Quando eu entrei no primeiro ano aqui, a escola chamava ETICAP, Escola Técnica Industrial Conselheiro Antônio Prado. Só que logo depois, talvez até no meu segundo, primeiro ano, a escola passou a ser COTICAP, Colégio Técnico Industrial Conselheiro Antônio Prado. É a placa que tem, até hoje, aqui na frente da escola. E o símbolo da escola, que está lá na pedra, é o núcleo benzeno. Então, isso, nós ficamos com o nome de COTICAP, até por volta dos anos 80, 81, não me lembro bem, que foi quando teve um problema da cisão das

12 escolas técnicas que tinha, que chamava escolas de convênio. Essas escolas de convênio tinham participação do Governo Federal, Estadual e Municipal. Aqui, o Governo Estadual deu a área que retirou essa área que era da Fazenda Santa Elisa, deu a área, e o Governo Federal deu equipamentos para a escola. Tem muito equipamento aqui que veio de fora nesses primeiros lotes. Por sinal tem equipamento aí que nunca foi usado, nunca foi aberto a caixa. O Centro Paula Souza, entrou aqui, em 80, dessas 12 escolas técnicas, a gente brinca, né, as 12 do Centro Paula Souza, ah, até por causa das 14. Por quê? Nós éramos em 12, aí foi juntado uma escola em Taquaritinga, foi nessa época, então, ela ficou sendo a 13ª e abriu a ETESP em São Paulo. Então, ficou 14. Então, nós éramos esse grupo de 14 escolas. Aqui, o Governo Estadual mantinha a folha de pagamento. A Prefeitura só fez a infraestrutura, que aqui era eucalipto, né, tirou essas coisas e tal, o Governo Federal deu dinheiro para a construção. O modelo de construção foi o modelo do Dr. Lucien Genevois que fundou a escola. Na verdade, o Genevois, ele era um diretor da Rhodia. Por isso que tem uma confusão da escola com a Rhodia. Tem muita gente, ah, a escola da Rhodia, a escola nunca foi da Rhodia. Não, o Dr. Lucien Genevois era diretor da Rhodia e ele fundou a ACETI - Associação Campineira de Ensino Industrial. E foi iniciativa dele, que foi atrás de tudo e isso daqui era como se fosse a casa dele. Não. A escola inaugurada, com aula normal e tudo e Genevois circulando pela escola. Tem até uma história que ele circula até hoje (risos). Tem gente que já o viu. São as histórias da ETECAP.

LZF: São as histórias da ETECAP. Você chegou a conviver com o Genevois?

MEJN: Sim, porque naquela época, a escola não tinha 400 alunos. Só tinha o curso de Química. E aqui era longe à beça. Tinha uma estrada de terra. Um ônibus que fazia a linha, era o mesmo ônibus que ia e voltava então tinha hora certa. E essa hora era que ele saía de frente ao mercado, no horário que dava a entrada da aula. E da hora do almoço, iria para a cidade e logo em seguida voltava, a gente às vezes ia almoçar na cidade e na hora da saída da escola. Tinha muito transporte particular. Na época eram Kombis que faziam isso daí. Eu mesmo usava uma Kombi que era de um aluno da minha turma. Ele era um motorista da Kombi e ao mesmo tempo era colega de turma. A escola quando foi fundada tinha só esses 400 alunos ela tinha uma comunidade muito coesa. E a gente aprendeu isso daí logo que entrou na escola. E essa coesão era entre os alunos, entre os alunos e os professores. Se o aluno fazia festa, professor ia, sempre assim e a gente se tratava muito pessoalmente, sem formalidade. A escola era dirigida por um diretor que era escolhido pelo conselho técnico administrativo da escola. Esse conselho era formado pelo Genevois, que era o presidente o diretor da escola, tinha um representante da indústria que era o Funaro que era dono de uma

indústria farmacêutica que hoje é a Medley, tinha um que era o diretor do Senai o professor acho que era Orfeu - o filho dele estudava aqui com a gente era da minha turma, e tinha mais acho que uma pessoa. Era uma coisa interessante que a escola tinha aula de período integral, só de quarta-feira que era meio período, porque o conselho se reunia na quarta-feira à tarde eles não queriam ter barulho todo o calendário que era organizado dessa forma e tudo tinha que passar pelo conselho tudo aqui passar pelo conselho o próprio diretor era subordinado ao conselho. Eu acho que eu peguei, teve um período que a escola mudou de direção, inclusive um professor da casa, da época o senhor Piovesani, Adalberto Piovesani, que está vivo o Piovesani chegou a ser o diretor, assim tipo interino, por um período a gente até brinca com ele quando tem esses encontros" não, não fui", ele foge disso daí. Depois veio o professor Silvano, Silvano Lopes de Castro, ele tinha sido o diretor da APAE, e depois do Silvano na minha época quando estava entre final do segundo ano para o terceiro veio o professor Miguel Henrique Russo. Professor Russo aquele dos bigodes e ele usa até hoje, está vivo mora em Bragança Paulista. O Russo, e a gente na escola, nessa coesão que a gente tinha no momento que nós chegamos aqui tinha um diretório que chamava Diretório Estudantil Conselheiro Antonio Prado, o símbolo era o núcleo benzeno, e no núcleo do núcleo benzeno tinha uma Madame Mim mexendo um tacho, e era o símbolo do diretório, só que logo no primeiro ano que eu estava aqui por problemas do regime militar não podia mais ter diretório então isso foi transformado em grêmio, então ficou grêmio Conselheiro Antônio Prado. No meu segundo primeiro ano eu comecei a fazer parte desse grêmio e fui até que eu fui- a eleição do grêmio era da metade do ano, porque a escola começou no meio do ano, a primeiro filme entrou em julho, só depois que acertou o calendário. Então o grêmio era de julho de um ano a julho do outro ano (risos). Julho a julho, no meu segundo para terceiro ano eu fui o presidente do grêmio a gente fazia festa, fazia excursão, a gente vendia material aqui vendia essas jaquetas tudo e os alunos quando faziam matrícula eles pagavam uma taxa para o grêmio então o grêmio tinha na matrícula do aluno, que era espontânea, tinha uma taxa do grêmio só que esse dinheiro era administrado pela escola a gente ainda "precisamos comprar isso, gastar aquilo" autorizavam ou não, mas a gente conseguia dinheiro fazendo isso. Tinha uma coisa da cidade na época era o famoso baile do bicho e tinha uma concorrência entre quem promovia o baile, um queria fazer melhor do outro, aquelas coisas no meu grupo no meu ano nós fizemos uma loucura alugamos o salão do tênis club, a quadra do tênis club, três moleques foi em São Paulo, num escritório de representação musical, que depois virou escritório do Gugu contratamos duas atrações para fazer o baile do bicho. Um grupo de baile chamava biribas boy um grupo grande bem completo e na época tinha um grupo que chamava "três do rio". Esse "três do rio" não fazia o baile fazia um show e aí lá nessa chamava promoção ficou acertado do baile tinha um intervalo do baile tinha três do rio continuava o

baile bom, aquilo lotou o tênis club a ponto de o bombeiro querer interditar. Combinamos com o bombeiro que não ia entrar mais ninguém, mas precisava de entrar porque a gente precisava do dinheiro da bilheteria. O bombeiro virou as costas continuamos vendendo ingresso.

LZF: Isso foi em que ano?

MEJN: Então foi 72, 71 para 72. Eu não lembro se foi no primeiro ou no segundo semestre, mas foi o grande baile que nós fizemos aqui. Quando eu estava no final da minha gestão no Grêmio, mudou as coisas de novo, não podia mais também, era um negócio do governo de Estado, não podia mais ter Grêmio nas escolas públicas. Tinha que chamar Centro Cívico, a diferença era que o Grêmio era independente e o centro cívico tinha que ter um professor responsável que aqui sempre foi o professor Oscar, Oscar Geraldo da Silveira, está vivo também. O professor Oscar era tranquilo conviver com ele aqui era uma beleza. Só que logo em seguida a minha gestão, foi eleito o menino, que eu não sei o nome dele, o apelido era meio quilo e o Grêmio a bem dizer acabou sumindo, até que acabou de vez, aqui na escola ficou muitos anos sem ter representação de alunos e tal. E aqui na escola tinha outra coisa interessante o doutor Genevois, ele era do Rotary, então ele implantou aqui na escola o Rotary Jovem chamava Interact nós promovíamos campanha do agasalho, campanha de Natal porque o bairro era pequeno, tinha várias casinhas separadas e a gente tinha catalogado, fomos lá “quantos crianças tinham”, “as idades das crianças”, então a gente sabia disso.

LZF: Nossa, vocês eram um grupo de alunos muito ativos.

MEJN: Era, era. Isso no período integral. Estudar, a gente não tinha muito tempo. Aí, como a gente sabia das crianças, quando a gente arrecadava roupa, campanha de inverno, que a gente fazia, já era separado porque a gente sabia mais ou menos quantas crianças e tantos anos, tal. Quando a gente fazia festa natal aqui a gente separava os brinquedos por sala, nós usávamos a sala de aula, então aqui tinha de tantos 6 a 8 anos, e por influência do Sr. Genevois a gente tinha acesso ao comércio, a gente ia no comércio, a gente sabia quem era rotariano no comércio e tal, só que a gente envolvia também o pessoal do LIONS porque na época o LIONS era dirigido naquele ano, acho que o presidente é o Rui Rodrigues. O Rui Rodrigues era do LIONS e o Genevois do Rotary então a gente tinha, o comércio, a gente falava o nome de um de outro e era assim conseguia tudo que a gente precisava.

LZF: Aí vocês distribuíam os presentes...

MEJN: Aqui com os moradores aqui do bairro. Só tinha mais gente aqui do Santa Mônica, aí tinha um pedaço do outro lado que era o Jardim Campineiro, que a gente não ia muito lá não, era um lugar meio, não era tão agradável, receptivo.

LZF: Mais perigoso.

MEJN: A gente tinha mais um domínio aqui. E aqui aconteceu outra coisa o pessoal do bairro ia no médico, o médico dava uma receita, eles não tinham dinheiro para comprar receita. Eles iam bater aqui na salinha aquele no meio do pátio, que nós chamamos de aquário, tem dois aquários aqui, ali era a salinha que ficava o bedel, na época tinha outro nome, inspetor de alunos. E a gente brincava que tinha outro aquário que era a sala da direção, que era o diretor de os peixinhos. Aqui era comum, eles vinham com a receita aqui no aquário aí a pessoa que estava lá, era um inspetor de alunos, ele era exigente, mas ele era boa gente, o apelido dele era Sherlock.

LZF: O apelido dele era Sherlock? Todo mundo tinha apelido?

MEJN: Todo mundo aqui na escola tinha apelido. O meu era minhoca. E a gente pegava essa receita via lá o negócio e passava nas salas de aula, pedindo para os alunos dinheiro para comprar, até o professor abria a carteira e dava. A gente ia aqui na Avenida Brasil tinha uma farmácia grande até, tinha um professor que até às vezes emprestava o carro dele para gente ir, o senhor Luiz Henrique, era muito comum isso daí, a gente ia lá comprava o remédio e dava para a pessoa. Mas isso acontecia assim, com uma certa constância, isso daí era legal o que eu sinto é que depois que eu saí da escola o Interactis também morreu. Eu fui presidente do Interactis, o Interactis como no Rotary, tem aquelas reuniões de grupo, eu fui em vários encontros, fui em São Paulo o Interactis de lá era no Colégio Rio Branco. Foi muito bem-organizado, nós ficamos hospedados no Ibirapuera, foi um negócio assim, muito bom. Fui em Santa Fé do Sul, no encontro lá, porque o pessoal de Santa Fé do Sul convidou porque estava tendo a represa, enchendo a represa e tinha uma cidade pegada a Santa Fé do Sul : Rubinéia que já estava desaparecendo, e lá em Rubinéia tinha uma Cachoeira, chamava Cachoeira das Sete Quedas, tanto é que nós fomos lá já não tinha mais Sete Quedas, que a água estava na metade da cachoeira, uma parte da cidade já tinha sumido, outra parte estava sendo alagada e o Interactis de lá fez esse encontro para a gente ver a cachoeira,, antes que ela acabasse e depois disso aí a gente não viu mais o movimento, não viu. Eu saí daqui em 1973, na verdade, que foi o ano que eu entreguei meu relatório e fiz estágio aqui no ITAL, no setor de cereais, farinha e panificação. Só que como estagiário e tinha um outro rapaz que

não era daqui a gente viu que não tinha muito futuro, que as indústrias de farinha, ou mesmo de panificação, que era muito pouca, não tinha esse cargo técnico. Eu acabei indo embora, para São Paulo, fui trabalhar em uma indústria farmacêutica, em cinco ex-alunos, aqui nós montamos uma república, três trabalhavam na mesma empresa, laboratórios Arbutin e dois em empresas diferentes. Fiquei lá, até que voltei para Campinas e acabei indo fazer Faculdade de Direito. (risos)

LZF: Quanto tempo você ficou na indústria farmacêutica?

MEJN: Fiquei acho que um ano, mais ou menos.

LZF: Retomando só uma coisa que eu fiquei na dúvida. Você tinha comentado do Genevois. Você tinha comentado que ele trouxe o projeto de uma escola francesa?

MEJN: É, de um modelo francês. A construção tinha a ver com isso daí, porque eles idealizaram essa construção, que ela teria essa almofada (mostra com as mãos o teto). Então, no calor, ela refrescaria, no inverno, seria frio. Só que o arquiteto da época errou, porque aqui quando é quente, é quente e quando é frio, é muito frio. E de primeiro, todas as salas tinham essas placas, essas placas que têm na lateral das salas, nos laboratórios, por sinal, é de amianto. Na época, se usava amianto, a gente encostava o amianto todo dia. Era uma questão de segurança. Se acontecesse alguma coisa, você dava um chute na placa, a placa estourava e você saía fora. Só que isso foi usado nos laboratórios e nas salas de aula. E às vezes, por brincadeira, o aluno, era comum alguém quebrar essas placas, dava uma certa confusão aqui na escola. Era por segurança do laboratório, mas só que foi implantado na escola inteira, até a área que foi construída depois de Genevois seguiu o mesmo modelo, tanto é que que esse pavilhão aqui não tinha. Não tinha nada disso aí. A escola era um pedaço do primeiro pavilhão. Primeiro pavilhão inteiro, mas não tinha essa parte da administração. O auditório tinha. Aqui no meio, entre os dois blocos, era para ter um ginásio, um auditório, um ginásio, era redondo e tal. Lá embaixo, na educação física, era para ter uma piscina olímpica. A gente brincava, que ia nadar na piscina da escola e tal. A estrutura física da escola ficou até a morte do Genevois e perdeu o contato. Uma época, a filha dele tinha algum contato com a escola. A esposa dele está viva. Dona Margarida está viva. Se fizer uma solenidade e chamar ela, ela vem. A Dona Margarida, ela vem em homenagens, comemoração de aniversário da escola e tal. Depois eu não sei se ela não vem ou se não foi convidada. Porque quando tem essa solenidade da escola, é engraçado. Tem um monte de gente que não é convidada e que participou dessa época da escola. Depois que eu saí de 73, como eu digo, fui fazer faculdade

de direito e tal. Quando eu estava no último ano da faculdade de direito, o professor Miguel Henrique Russo ligou na época o telefone daqui da escola era o da casa da minha mãe, que precisava falar comigo. Para mim vir aqui na escola porque ele queria falar comigo. Eu fiquei encucado e falei: - o que que o Miguel quer falar comigo? Ele me suspendeu, ele fez tudo. Será que eu fiquei devendo alguma ainda? Porque aqui qualquer coisa você era suspenso. Aqui não tinha conversa. Era suspensão, não tinha conversa. Você não sabia quantos dias, mas que você ia ser suspenso você ia. Vim aqui e tal. Na época, eu tinha montado uma indústria de calçados, que era a atividade do meu pai. Tinha montado essa indústria e trabalhava lá na fábrica. Fazia toda a parte administrativa, aquelas coisas todas. E falei, o que o Miguel quer comigo. Aí tinha algumas aulas “Elementos de Administração de Empresas” Como falei anteriormente, não só a estrutura do prédio. A matriz curricular aqui, era uma matriz que não era igual ao segundo grau de outras escolas, tanto é que a gente tinha uma dificuldade para prestar vestibular. Geografia, a gente devia ter uma aula, duas no máximo, um ano. Aqui tinha disciplina, que era semestral. O curso era anual, a disciplina era semestral. História, a mesma coisa.

LZF: Essa matriz curricular veio da escola?

MEJN: Ele que fez esse embolado (Genevois). E uma das disciplinas que estava implantada era esse de “Elementos de Administração de Empresas”. Como eu tinha a fábrica, foi esse o motivo do Miguel me convidar para ser professor. Aí eu falei para ele, que ainda estava no quarto ano da faculdade. Isso não era impedimento. Acabei aceitando. Eram quatro aulas no período diurno. Comecei a lecionar essas aulas. Estava em substituição a uma disciplina que era semestral. Professor Buriti, falecido já. E comecei com essas quatro aulas. Fiquei um bom tempo com essas quatro aulas. Tocando a fábrica normalmente. Eu vinha uma tarde aqui na escola. Depois de muito tempo já aqui, abriu o curso noturno. E no curso noturno foi dar aula o professor Clovis, que era um funcionário da IBM. Só que o Clovis tinha que fazer uma viagem para o exterior pela IBM e quem ia pegar as aulas da noite? Aqui a atribuição era assim: “Você vai pegar essa aula”. Miguel me chamou e falou: - você vai dar aula no noturno. Fiquei com oito aulas, quatro e quatro. E isso em paralelo com a indústria, até que acabei desistindo da indústria, fui ter outra atividade de comércio e mantendo a escola.

LZF: Quando que ano foi que você entrou como professor?

MEJN: Eu entrei com o professor em 18 de fevereiro de 1978. Então mais uma coincidência. Cinco anos depois de formado.

LZF: E você ficou por quantos anos dando aulas?

MEJN: Eu fiquei até hoje. Na verdade. Eu aqui na escola tive uma passagem bem interessante. Muito boa. Tinha minhas aulas e tal. Quando deixei a atividade de comércio e tal que eu tinha. O professor Maurício, na época, me chamou. O motivo também de eu deixar fora. Foi isso na época que era o Maurício, o diretor da escola. Acho que ele foi diretor da escola por 16 anos. E o... desculpa. (tosse)

LZF: Você estava falando que foi um período muito bom, o período que você ficou como professor na ETECAP?

MEJN: O Maurício me chamou para assumir uma responsabilidade, que seria responsável pelo noturno. Porque não tinha que visse diretor e tal. E tinha essa figura, podia ter essa figura do coordenador. Aí ele me chamou para ser coordenador. Eu peguei o período todo do noturno. Um período dava aula. Depois eu me afastei, inclusive, das minhas aulas do noturno. Fiquei muito tempo, não me lembro quantos anos. Aí, disso daí, eu acabei assumindo aqui na escola, que chamava Supervisão de Estágio. Mas eram relações entre o colégio e as empresas. Tive o professor Leo, Leotério Pinote, que já era de lá. E aí a escola tinha três cursos já. Química, Bill e Petro. E eu acabei assumindo junto com o Leo essa Supervisão de Estágio. Essa Supervisão de Estágio, daqui por conhecimento, que tinha sido funcionária da escola e trabalhava na administração central do Paula Souza, a professora Vilma de Moraes, pediu que eu começasse a dar uma assessoria lá em São Paulo, como aqui era bem estruturado e nas outras 13 não era. Organizasse o Supervisão de Estágio nessas três escolas. Eu falei, legal, eu fui. Ia alguns períodos, alguns dias inteiros, iria para São Paulo. Eu promovia reunião com o pessoal que respondia por isso nas escolas. Chegava a ir às escolas e tal. Estava lá no Supervisão de Estágio. De repente, o Centro de Paula Souza recebe 84 escolas de presente do Dia dos Professores do governo do Fleury. Em princípio, essas escolas vieram para o Centro de Paula Souza, mas era para verificar quais poderiam ficar. Na época, o superintendente do Centro de Paula Souza era o professor Elias Horani. Para ser superintendente tinha de ser professor pleno da Fatec. Era a regra da superintendência. O Horani, que era o superintendente, e era uma pessoa assim muito fácil para se conversar com ele nos corredores, não tinha aquelas formalidades com ele. Quando ele recebeu essas escolas, ele chamou esse grupo que trabalhava lá e falou, o que vamos fazer? A professora Vilma, estava lá no Centro de Paula Souza, e ela estava lá organizando para tirar a supervisão da Secretaria da Educação e ter a supervisão própria do Centro. Exemplo que tinha o Senai, o Bradesco e tal. Isso dependia da autorização do Conselho Estadual de Educação. Mas uma

pessoa que era membro do Conselho Estadual de Educação fazia parte do Conselho Deliberativo do Centro, aquelas coisas todas. A professora Vilma estava organizando essa saída da Secretaria da Educação, porque os supervisores eles tinham as regras da Secretaria de Educação e as regras do Centro de Paula Souza eram outras, era uma confusão nas escolas. E como eu estava lá, acabei indo para o grupo da supervisão nesse momento que apareceu essas escolas, o professor Elias chamou a gente. Porque a ideia do Sr. Elias é que tinha que fazer um diagnóstico das escolas. Então você vai ver ele montou, um trabalho todo, para fazer um diagnóstico. Aí nós descobrimos no meio do diagnóstico que não tinha diagnóstico. As escolas já era.... já estava vindo mais. Porque algumas que ficaram de fora, politicamente, não sei o quê, acabaram vindo de 80 foi para 90 e não sei quantas.

LZF: Elas eram escolas técnicas?

MEJN: É, eram escolas técnicas, entre parênteses, muitas delas. Na verdade, muitas tinham cursos profissionalizantes e não cursos técnicos. Algumas não tinham mais nada, só tinha um nome. Por exemplo, é uma escola técnica em Sousas, que dava um diploma de Técnico de Laboratório de Análise Clínica, o aluno nunca viu isso. Nesse bolo de escola, tinha duas coisas que a gente não conhecia. Porque do resto, Secretariado, Administração, Informática, Mecânica, gente tinha tudo, nas escolas já tinha. Veio Enfermagem e veio escola Agrícola. Aí, na hora, o professor Elias me chamou, eu e o professor Agasi (Luís Alberto Agasi), que na época era diretor de uma das escolas de Sorocaba, para a gente coordenar as escolas agrícolas. Eu falo para o professo: - eu sou formado em direito, o Agasi é formado em biologia. E a gente teve de sumir em uma boa. E a gente começou a fazer visita nas escolas agrícolas. Nossa, o que a gente viu, foi assim histórica a coisa.

LZF: Foi histórica? (risos)

MEJN: Foi. Uma das primeiras visitas que nós fizemos, fomos recebidos na escola, aquela coisa toda. Eles mostram sempre o que tem de pior na escola. Aquelas coisas, chegou a hora do almoço. E o almoço era no refeitório, que era o refeitório dos alunos, os professores comiam lá. Estava numa mesa, então. Eu sentado, na minha frente estava o Agasi, do meu lado, estava a diretora da escola. Servida a comida, na hora que eu fui comer, tinha um objeto estranho (risos). Eu até brinco, era uma perna de barata. Eu peguei o arroz e sepultei a barata e fiquei conversando. E nada de comer. Eu não ia comer aquilo. O Agasi percebeu que tinha alguma coisa. Mas, também não ia falar nada. Foi a primeira experiência que nós tivemos. Aí que chegou lá no Centro de Paula Souza, todo mundo ficou sabendo dessa história lá. Porque

tem um motorista também que ia com a gente. Todo mundo estava sabendo. O senhor Elias me chamou da sala dele. O professor, que história é essa que você comeu perna de barata? Até aqui chegou a negócio. Isso daí, só para você ter uma ideia do que era a escola. Nessa escola, os dormitórios tinham blocos destruídos. Porque era comum os alunos do terceiro ano quando se formavam quebravam o dormitório. Era a tradição da escola.

LZF: E vocês iam ter que assumir?

MEJN: Não, já tínhamos assumido isso daí. Até então a gente estava meio no... "o que que vem por aí?" E a gente começou. Vamos em outra escola. Vamos não sei onde. E começando também a escola que apresentava coisas meio estranhas, ou denúncias, a gente ia também para conhecer e ao mesmo tempo para apurar o negócio da denúncia. Tinha coisa assim, pitoresca...a diretora da escola, a filha casou, ela pegou um boi da escola, fez churrasco e deu um boi em substituição, só que ela pegou um boi bom, e deu uma boi porcaria. Na outra escola que a gente estava, o diretor estava negociando coisas da produção da escola. A hora que a gente estava chegando. A gente não sabia quem era o diretor, e nós ficamos ali do lado para entrar na escola, e a gente viu toda a negociação dele com os negócios da escola. Na outra escola, a escola do boi ralado. O que é esse estômago do boi ralado? Vamos lá. A escola matava o boi para a alimentação dos alunos. Pegava toda a carne e moía, punha num saco plástico e punha nos freezers, a escola só servia a carne moída. Numa outra na escola visitar, tudo bem, bonitinho. Chegou no lugar lá. Era o que a gente chamava de chiqueiro. O nome para isso não é chiqueiro, é Pocilga. Chegamos lá na pocilga do chiqueiro. Os porcos num canto, do lado um barreiro enorme. Os porcos tudo lá dentro. Achamos até legal. Aí um dos professores da escola: "Sabe qual é o problema? Aqui é o esgoto da escola." Ele quebrou e ninguém consertou, formou isso daí ...e os porcos aí. Fomos almoçar. Qual era o prato? Porco! "Ah, sinto muito!" (risos) A gente passava fome nas escolas. Porque a gente não comia mais. Só enrolava.

LZF: Quanto tempo você ficou fazendo esse trabalho?

MEJN: Eu fiquei mais ou menos de 82 até 99. Fiquei no Centro Paula Souza. Depois deixamos isso daí e tudo. Eu fiquei num grupo de supervisão escolar. Só que eu não era supervisor escolar. Na verdade, era aquele antigo inspetor. Porque o pessoal recrutado lá, da supervisão, alguns vieram da Secretaria da Educação. Alguns não, eram professores do Centro Paula Souza capacitado. Então eles se tornaram supervisores. Mas fora alguns núcleos que a gente era dividido em núcleo, a orientação não era do Centro Paula Souza a orientação era da

Secretaria da Educação. E acabou. Eu acabei tendo esse trabalho. Muito concurso público. Porque quando as escolas vieram para o Centro Paula Souza. Aconteceu o seguinte, eles achavam que eles iam passar do estado, que eles eram OFAS, não é celetista, não é estatutário, não é nada. E iam passar para o Centro Paula Souza. E eles chamavam o Centro Paula Souza de fundação. Em todo lugar você tinha que corrigir. O Centro Paula Souza não era uma fundação, era uma autarquia de regime especial, eu levava na pasta os decretos. Porque eles desconheciam isso. Os diretores ficaram muito satisfeitos. Porque eles mostravam os dois holerites: Olha quanto eu ganhava, olha quanto eu ganho agora. Para eles foi ótimo. Para os professores não foi tão bom, assim mesmo tiveram uma melhora. Mas eles achavam que eles tinham passado, eles achavam que eles eram estatutários. Nunca foram. Tem uma história aqui. Um ano foi feito uma consulta. E os funcionários optaram para os estatutários e os professores celetistas. Nunca ninguém viu essa consulta. Nunca. E em escola nenhuma. É um negócio meio bravo. Isso foi na época das 14. Tanto é que nessa época...por problema de salário. Fizemos um movimento grande. Saiu daqui.

LZF: Da ETECAP?

MEJN: É, da ETECAP. E conseguimos fazer uma greve geral. Nas 14 escolas. E sediado em São Paulo, na escola GV. Na Getúlio Vargas, que tinha um auditório, as Assembleias, era tudo na GV. Conseguimos parar todas as escolas. Tem professor que não aderiu, sempre tem né o que não entra. Eu mesmo não cheguei a recusar a greve, fui a dar umas aulas do Bento Quirino, e era uma escola, mais política do que outra coisa. Todas as escolas não iam entrar em greve. Só eles que iam entrar. Não vou entrar. Não vou.

LZF: Mas nesse caso, dessa greve, você estava reivindicando aumento de salário e carreira. Uma carreira.

MEJN: Outro problema do Centro Paula Souza, tem umas carreiras fragmentadas, que acaba logo. Atualmente nos estamos em uma de 88.

LZF: De 88, dessa greve, que parou as 14 escolas?

MEJN: De 88. Nós fomos atendidos no palácio. O senhor Serra (José Serra), era o secretário da época. Era o Montoro (Franco Montoro). O Serra muito.... perguntou quem eram nós. Quem são vocês? Nossa, aquilo inflamou. Sei que brigamos, e aconteceu um negócio engraçado. O secretário da fazenda, fez um erro. Cometeu um erro no cálculo, porque ele

tinha dado 20% para o Estado. Nós estávamos pedindo o percentual, que era tipo 30. Só que na hora da redação dele, saiu os 20 mais os 30. (risos) Vamos voltar lá e falar que ele se enganou. Isso deu um alívio. Então os salários aqui, não eram ruins naquela época. E quando essas escolas vieram, não era ruim. Embora a defasagem com a Secretária da Educação não era tão grande, por causa desse aumento que a gente teve. E aí, esses professores se espantaram quando o centro começou a falar em concurso. E muitos deles achavam que era concurso de faz de conta. Isso aconteceu e a gente verificou na hora da aplicação das provas, que as provas foram aplicadas nos núcleos. E eu fui o coordenador da aplicação das provas aqui em Campinas. A gente usou várias escolas. Eu coordenava isso aí. Eles vieram para se inscrever. Só que eles vieram, eles achavam que tinha um preencher a prova, assinar a presença e poder entregar a prova e ir embora, que eles estavam aprovados. Só que eles disseram que não era bem assim. E foi dito para eles que não seria. Deu um trabalho no dia da aplicação da prova. Que eles não queriam ficar na sala. Que tinha tempo mínimo. Então, o centro fez uma prova como concurso público. A parte que fez agora foi redigida pelo pessoal da faculdade de educação da Unicamp. Então, não era babaquice. E as outras eram questões técnicas por professores que eram da área do Centro Paula Souza. Nisso muitos ficavam reprovado. Mas, assim, teve uma reprova muito grande.

LZF: Professor Marcos, a gente vai dividir a entrevista em duas partes. E na segunda parte a gente retoma então. Muito obrigado pela sua disponibilidade de vir aqui falar conosco.

MEJN: Toda disposição. Estou aqui na escola para falar todas as manhãs, menos quinta-feira.

LZF: Muito obrigada.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Escola Industrial Conselheiro Antonio Prado
Colégio Industrial Conselheiro Antonio Prado
Etec Conselheiro Antonio Prado
Centro de Memória
Lilian Zanvettor Ferreira

Marcus Eduardo Jesus Novo
Lucien Genevois
Silvano Lopes de Castro
Miguel Henrique Russo
Adalberto Piovesani
Oscar Geraldo da Silveira
Grêmio estudantil
Centro Cívico
Luís Alberto Agasi
Vilma de Morais
Projeto Rondon
Técnico em Química
Secretaria da Educação
Elias Horani
Supervisão Escolar
Escola Agrícola
José Serra
Franco Montoro
Concurso público

Dados Biográficos do Entrevistado

Marcus Eduardo Jesus Novo

Marcus Eduardo Jesus Novo – É Técnico em Química pela Escola Técnica Conselheiro Antonio Prado – ETECAP (1973), Bacharel em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Itú (1978). Empresário do ramo de calçados e Docente com atuação na área de gestão do Ensino Técnico no Centro Paula Souza. Tem Licenciatura (Esquema 1) pela Universíade Estadual Júlio de Mesquita Filho, ministrado pela Fatec-SP (1989) com registro junto ao MEC. Professor da Disciplina de Elementos de Administração de Empresas no Colégio Técnico Industrial Conselheiro Antonio Prado COTICAP desde 18/02/1978. Nessa unidade escolar assumi diversas funções como docente. Professor de Direito e Legislação na Fatec de Americana. Atuou junto ao Grupo de Supervisão Escolar do CEETEPS com diversas funções desempenhadas além da supervisão dos estágios, tais como presidente do grupo do observatório das escolas Técnicas Agrícolas que foram incorporadas ao CEETEPS em 1992, responsável pela aplicação de Concursos Públicos no CEETEPS e em diversa unidades de ensino do Estado, assessoria junto ao gabinete da Superintendência do CEETEPS. No retorno ao Etecap, em 2000, reassumi à docência em diversas disciplinas, tais como Gestão e Qualidade, Ética e Cidadania, Projetos Técnicos, Científicos, Economia e Mercados (na Etec Bento Quirino). Atuou na Supervisão da Unidade descentralizada da Etecap na Escola Estadual Moacir Morais em Campinas desde 2007 com a implantação dos cursos de Administração e de Contabilidade e criando e implantando o curso de Técnico em Serviços Jurídicos até 2010 quando me aposentei e tive o meu contrato de trabalho rescindido pelo CEETEPS. Retornou à Etecap, por reintegração Judicial, em julho de 2023 onde está realocado junto a Biblioteca, no atendimento aos alunos até a presente data

Dados Biográficos da entrevistadora

Lilian Zanvettor Ferreira

Lilian Zanvettor Ferreira – Possui graduações em Artes Visuais e Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (2001, 2014), graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro (2022) e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2016). É especialista em Projetos Sociais e Direitos Humanos pela Universidade Anhembi Morumbi. Foi colaboradora do Grupo de Políticas Públicas e Sociais- GPPS- FE/Unicamp e atualmente colabora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica- GEPEMHEP. É professora de História da Arte e Cultura em Fatec (Faculdade de Tecnologia do Centro Paula Souza) desde 2023. Atua no ensino técnico nas áreas de Sociologia e Estudos Avançados em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, desde 2009. Tem experiência na área de Arte, Cultura e Sociologia com ênfase no Ensino de Ciências Humanas e Sociais, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia, arte, cultura, educação e sociedade. É pesquisadora independente em linguagens visuais.

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Marcus Eduardo Jesus Novo

Termo de Autorização para uso de Imagem de Marcus Eduardo Jesus Novo